

## ELEIÇÕES 2014

# Em PE, índices caíram, mas ainda são dos mais altos do país

## Redução das taxas de violência ainda não foi suficiente para diminuir sensação de insegurança

LETÍCIA LINS  
leticia@oglobo.com.br

**-RECIFE-** Até 2006, Pernambuco era considerado o terceiro estado mais violento do país, tendo computado naquele ano 4.635 homicídios. Em 2012, ocupava o décimo lugar no ranking nacional, de acordo com o último Mapa da Violência. Com isso, a taxa de 53,1 assassinatos por cada grupo de cem mil habitantes caiu para 37,1 no período, uma redução de quase 40%. A julgar pelas estatísticas ainda não computadas no Mapa, mas já publicados nos documentos internos da Secretaria de Defesa Social, o total de crimes letais violentos intencionais caiu ainda mais em 2013: foram 3.100, o que dá uma taxa de 34,1 por cem mil habitantes. Pelos dados do anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a taxa de homicídios caiu de 50,1 para 36,2 por cem mil habitantes entre 2008 e 2012: queda de 28%. É o menor patamar desde que foi criado em Pernambuco o chamado Pacto Pela Vida, um dos cartões de visitas da campanha do ex-governador Eduardo Campos (PSB), candidato à Presidência da República. No entanto, essa taxa ainda está entre as mais altas do país, e a segurança está longe de ser um problema resolvido.

**HOMICÍDIOS TIVERAM DIMINUIÇÃO DE QUASE 40%**  
Lançado em 2007, no início de sua primeira gestão, o Pacto Pela Vida visava à redução anual de 12% no número de homicídios. O objetivo ainda não foi alcançado. Mesmo assim, as autoridades do estado comemoram a redução de quase 40% no principal indicador de criminalidade. Em 2013, 13 cidades pernambucanas não tiveram homicídios. Mas o número é pouco significativo: representa pouco mais de 7% do total de 184 municípios pernambucanos. Para o autor do Mapa da Violência, Júlio Jacobo Wasselfisz, apesar do avanço, não se pode dizer ainda que é cômoda a situação de segurança em Pernambuco:

— A partir de 2008 houve conquistas, mas não foram grandes. Pernambuco era um dos campeões nacionais de violência, reduziu a 34 por cem mil o número de homicídios, mas é uma taxa muito mais elevada do que a do país. Consultores internacionais elaboraram leitura social, segundo a qual pode se dizer que um país é civilizado quando ostenta um homicídio para cada grupo de cem mil habitantes. De um a cinco, a população ainda confia nas forças de segurança. Passou disso, há quebra na normalidade pela perda da

confiança na capacidade protetora do estado. As pessoas começam a contratar segurança particular, transformam as casas em prisões, ficam encurraladas em cercas elétricas. Passou de dez, a violência pode ser considerada epidêmica.

### CRIMES EM BAIROS DE RECIFE

A redução dos índices de violência ainda não foi suficiente para deixar tranquila a população de bairros como o de Santo Amaro, considerado um dos mais violentos de Recife. De acordo com números da Secretaria de Defesa Social, entre 2007 e 2013, houve redução de 75,8% nos crimes violentos letais intencionais e de 33% nos crimes violentos contra o patrimônio. Nascida e criada no bairro, a comerciante Omara Alves de Medeiros, de 59 anos, não acredita na tão propalada redução da criminalidade. Ela ganha a vida atrás das grades de sua pequena mercearia, localizada em uma das áreas que é considerada menos pesada do que as vielas do bairro. Teme perder as mercadorias ou a vida em um assalto.

— Nasci e me criei na lama, vi a rua esburacada se transformar em avenida, mas isso não é suficiente para me sentir feliz. Aqui tem muito malandro, uma menina viciada, e, quando vem o tiro, a gente não sabe para que lado vai. Ao meu ver, a violência continua a mesma. Eu já tive dois sobrinhos assassinados, todos dois trabalhadores, que foram mortos a tiros.

O pintor de paredes Esdnes de Souza Tavares, de 46, não acredita nos números oficiais. Pelo menos, em relação ao bairro:

— Quase todo dia morre gente.

O GLOBO ouviu 15 moradores, dos quais dez já haviam perdido parentes assassinados. Os outros cinco perderam amigos ou viram estranhos sendo mortos a tiros ou facadas.

Longe dali, no bairro de Bonsucesso, em Olinda, a casa número 54 da Rua C está trancada e vazia. A artesã Maria Paula da Silva, de 38 anos, mudou de endereço, depois de sobreviver a uma tragédia: seus dois filhos, Rodrigo e Rafael Barbosa da Silva, de 18 e 19, foram mortos a tiros enquanto dormiam, no mês de abril. A família admitiu que eles tinham envolvimento com o tráfico e ambos eram viciados em crack, o segundo por influência do primeiro. Uma tia dos meninos revelou que a família fez de tudo para tirá-los das drogas. Chegou a internar um deles. Os pais só souberam depois que a dívida com os traficantes chegava a R\$ 600. ●



Atrás de grades. Omara Medeiros em sua mercearia: ela teme perder as mercadorias ou a vida em um assalto

## Número de homicídios no RS cresce 22% e preocupa governo do estado

### Remanejamento de policiais na Copa piorou situação de área metropolitana

FLÁVIO ILHA  
opais@oglobo.com.br

**-PORTO ALEGRE-** Na noite de 27 de julho, o estudante Edson Rupp da Cunha, de 20 anos, foi assassinado, com um tiro à queimadura, em Porto Alegre, por três assaltantes que tentaram roubar seu carro. Conversando com amigos num bar perto de casa, num bairro de classe média alta, Rupp foi surpreendido e atingido quando fez um movimento para entregar a chave do automóvel. Os três homens fugiram a pé e, apesar das buscas da Brigada Militar na região, nunca foram encontrados.

Casos como esse têm se tornado comuns no Rio Grande do Sul. Com 209 homicídios a mais do que no primeiro semestre do ano passado, o estado teve alta de 22% no número de assassinatos no primeiro semestre do ano e chegou a 194 homicídios por

mês. Os dados da Secretaria de Segurança Pública revelam que há em média uma morte violenta a cada quatro horas.

O secretário estadual de Segurança, Airton Michels, disse que a elevação dos índices de criminalidade preocupa o governo, mas ponderou que a resolução dos crimes cresceu em relação a 2013. Segundo o secretário, sete de cada dez homicídios são solucionados.

— Estamos preocupados, mas, ao mesmo tempo, convictos de que temos uma política duradoura para enfrentar o tema — disse Michels.

### POLICIAIS TRANSFERIDOS

Mesmo assim, o secretário reconheceu que a dificuldade de combater as ocorrências ligadas ao tráfico de drogas piora as estatísticas. Segundo a Secretaria de Segurança, mais de 80% das vítimas de homicídios têm antecedentes criminais.

As estatísticas ficam ainda mais preocupantes se analisado só o mês de junho, quando o estado fez um remanejamento de policiais para reforçar a segurança em Porto Alegre para os jogos da Co-

pa. Neste caso, o acréscimo nos homicídios dolosos foi de 38% em relação a junho de 2013: houve 46 assassinatos a mais no Rio Grande do Sul.

Segundo o presidente da Federação das Associações dos Municípios do estado, Serge Menegaz, o reflexo da transferência de policiais afetou mais fortemente as cidades da Região Metropolitana. Em Alvorada, na divisa com a zona norte de Porto Alegre, os assassinatos subiram de cinco, em junho de 2013, para 12 este ano.

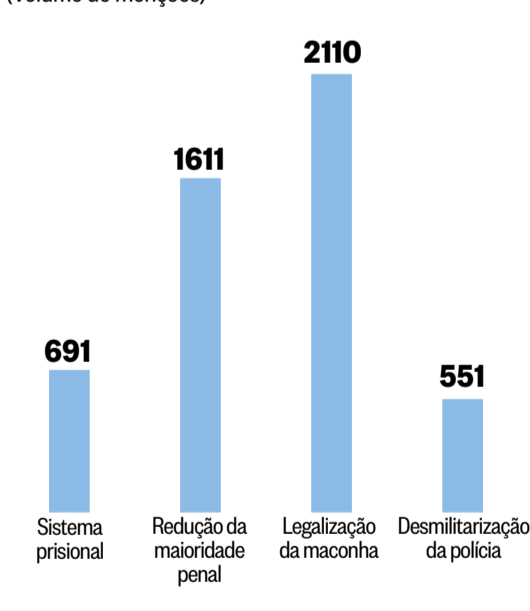
— Tivemos regiões muito bem protegidas durante a Copa, mas periferia e os municípios mais distantes de Porto Alegre continuaram desprotegidos. Para quem já se sentia inseguro, foram dias de aflição ainda maior — afirmou o dirigente.

Responsável pela criação do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) em 2007, quando era ministro da Justiça, o governador Tarso Genro (PT) não quis comentar a interrupção do projeto por parte do governo federal. Interlocutores do governador confirmaram que ele está insatisfeito com os rumos do programa. ●

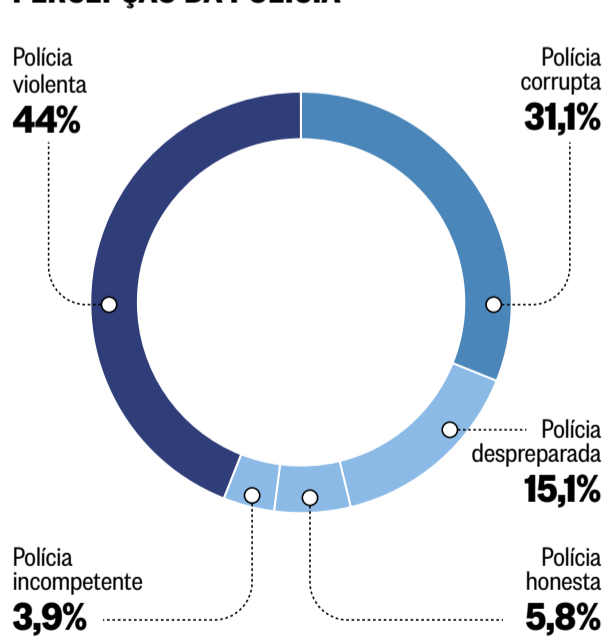
### Análise

#### TEMAS DE SEGURANÇA

(Volume de menções)



#### PERCEPÇÃO DA POLÍCIA



#### Metodologia

A FGV/DAPP faz monitoramento de dados em redes sociais — como o Twitter e o Facebook — com o auxílio de softwares de busca de menções on-line. Expressões e vocábulos da língua portuguesa referentes aos objetos de pesquisa são relacionados e classificados com a utilização de técnicas de análise textual, de forma a restringir as menções à área do tema de interesse.

A sensação disseminada de insegurança e uma forte crise de confiança na polícia são os dois sentimentos que melhor traduzem a realidade da segurança pública no Brasil, de acordo com o monitoramento realizado pela FGV/DAPP — que registrou 312 mil menções entre 1º e 8 de agosto. Medo, críticas à polícia e referências a crimes foram as situações mais relatadas.

A palavra “medo”, na nuvem de palavras, revela a dimensão da insegurança que assola os brasileiros. A sensação de vulnerabilidade à criminalidade aparece em termos como “assaltos”, “roubado”, “estupro” e até em situações como “sair de casa” e “andar na rua”. O gráfico de menções sobre crimes só reforça esse cenário, com o alto volume de referências a “roubo”, “homicí-

dio”, “estupro” e “sequestro”. O mapa mostra onde estes delitos são mais citados.

A percepção geral sobre as polícias é também bastante negativa: “violenta”, “corrupta” e “despreparada” são as opiniões mais frequentes. E as UPPs, principal programa de segurança do Rio de Janeiro, têm hoje rejeição mais alta do que aprovação. As duas realidades jogam luz sobre o “despreparo” das polícias. Em pesquisa da FGV/DAPP, publicada pelo GLOBO neste ano, 64% dos policiais dis-

seram não ter treinamento adequado para atuar em protestos violentos.

O cenário revelado pelas redes é mais um forte indício de que o setor de Segurança Pública vive uma forte crise de legitimidade frente à sociedade brasileira. Fenômeno este que não é novo, mas tem se agravado, levando à deslegitimação de iniciativas como as próprias UPPs. Em maio, outra pesquisa da FGV/DAPP já indicava 80% de insatisfação com a Segurança Pública.

Uma questão que se coloca é a perspectiva da ação do poder público. A palavra “governo”, que aparece na nuvem, pode ser entendida como responsabilidade dos estados ou, de forma ampla, das diferentes esferas. É, assim, surpreendente a ausência de políticas integradas, não só de repressão, mas também na promoção social focada em áreas urbanas com altos déficits de bens de cidadania. É urgente que políticas como o Pronasci voltem à pauta pública. ●

NA WEB  
bit.ly/lu8amlh  
Veja mais dados sobre o monitoramento da FGV nas redes sociais

FGV DAPP